

O ordinário no cotidiano, uma prática do singular

Viviane Gueller

Resumo

Este artigo aborda um processo de criação que ocorre a partir de caminhadas acompanhadas da captura de fragmentos do cotidiano. É feita uma contextualização dos aspectos característicos desta produção em articulação com obras de outros artistas e pesquisadores. Neste sentido, são trazidas diferentes práticas, seus estudos correlatos, e algumas as questões conceituais envolvidas na constituição deste trabalho.

Palavras-chave: Cenas; Cotidiano; Deriva urbana.

Resumen

Este artículo aborda un proceso de creación que se produce a partir del caminar acompañado de la captura de fragmentos cotidianos. Se hizo una contextualización de los rasgos característicos de esta producción en articulación con obras de otros artistas e investigadores. En este sentido, son traídas diferentes prácticas, sus estudios relacionados, y algunos de los aspectos conceptuales involucrados en la creación de esta obra.

Palabras clave: Escenas; Cotidiano; Deriva urbana.

Nos últimos anos, venho registrando várias imagens de situações urbanas que não estão previstas, certos desajustes que ocorrem na paisagem, não reconhecidos por uma sociedade que separa natureza e cultura. O projeto consiste em caminhadas, registros de fotos, vídeos, textos e sons atravessados por situações que abordam a relação entre o homem e suas circunstâncias no ambiente urbano. *Raspadinha* é resultado de uma dessas caminhadas, quando em março de 2013, percorri a Avenida São João em São Paulo. Ao chegar nas proximidades do Vale do Anhanbagaú, uma cena me capturou. Alguns homens trabalhavam agachados no concreto, empenhados em eliminar uns chumaços de grama. Conversei com eles, pedi licença e comecei a registrar. Rapidamente percebi que a fotografia não daria conta do meu intento. O que era fundamental ali era mostrar a ação, o gesto levado a cabo pelos

funcionários da prefeitura em sua estranheza, o ritmo do trabalho mecânico que incorpora hábitos tornando-os parte natural do cotidiano. Que espécie de trabalho era aquele? Qual a importância de registrar essas pequenas ocorrências despercebidas do cotidiano? Qual a forma mais adequada de dar conta dessa escrita urbana, desse recorte da realidade que de tão absurdo, beirava o ficcional?



FIG.01 – Registro fotográfico que antecedeu as imagens em vídeo no Vale do Anhangabaú. São Paulo, 2013. Viviane Gueller.

Como Sísifo, personagem da mitologia grega condenado à mesma tarefa de empurrar a pedra de uma montanha até o topo sendo que toda vez que estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo, estes homens são designados a eliminar intervalos da natureza do ambiente urbano em uma tarefa provavelmente infinita: enquanto um lugar da cidade está “limpo”, em outro as graminhas já emergiram novamente.

Para a artista visual e pesquisadora Cláudia Zanatta, este tipo de vegetação na beira da rua “que passa despercebida em meio ao movimento, mas que, teimosamente, tenta forçar algumas brechas no concreto” (2004) são formas de

resistência cotidiana. Ela relaciona este ato contínuo da natureza aos pequenos atos de intervenção nas cidades, às práticas de arte ligadas à vida, “capazes de alterar, mesmo que levemente, mesmo que de um modo quase imperceptível, a ordem esperada na trajetória dos acontecimentos, provocando deslocamentos no que julgamos conhecido” (ZANATTA, 2004). É sobre esta *resistência cotidiana* que os funcionários da prefeitura atuavam, tal qual os recrutas do exército que são ordenados continuamente a fazer cri-cri, termo popular que designa o uso de um pequeno espeto metálico para arrancar grama do meio fio das vias internas dos quartéis.

Das imagens captadas, montei um vídeo que consistia em uma cena inicial de contextualização, onde o lugar do qual seriam retiradas as graminhas era apresentado e se seguia de três tomadas diferentes dos trabalhadores em ação. Percebi que havia nesta sequência de imagens algo que ia de encontro com o cerne da minha pesquisa. Denominei *Raspadinha*, termo popular largamente utilizado para os jogos lotéricos, de certa forma uma falsa pista para o trabalho, ao mesmo tempo em que remete ao ato contínuo dos funcionários da prefeitura de raspar o concreto.



FIG.02 - *Raspadinha*. Videoprojeção. Galeria Mamute. Porto Alegre, junho de 2013.

Neste sentido, na introdução do segundo tomo de *A invenção do cotidiano (morar, cozinhar)* na qual Michel de Certeau atualiza suas considerações sobre os praticantes do ordinário, encontro algumas reflexões importantes sobre o que vemos na banalidade do dia-a-dia nas ruas, “aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha)” (2009, p.31). Ainda que minha produção esteja impregnada pelo tema do cotidiano sua questão parece sempre se articular naquilo que das situações familiares subjaz de estranheza. Se as situações captadas se dão no cotidiano, no próprio espaço por onde me desloco, entre afazeres pessoais e profissionais, para Certeau a cultura ordinária é antes de tudo uma *ciência prática do singular*. Para ele, se conhecemos mal os tipos de operações em jogo nas práticas ordinárias é porque nossos instrumentos de análise foram construídos para outros objetos, como é o caso da cultura de massa que tende para a homogeneização. Ele propõe uma análise combinatória sutil, “de tipos de operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares” (*ibid.*, p.341).

Encontro nesta definição de Certeau aquilo que me mobiliza para estes pedaços de cotidiano, aquilo que de singular há no ordinário, aquilo que de estranheza há no familiar. “[a cultura ordinária] não cessa de rearticular saber a singular, de remeter um e outro a uma situação concreta particularizante” (*ibid.*, p.341). Uma outra maneira de ver microacontecimentos cotidianos, uma forma particular de olhar uma outra vez para aquilo que já é supostamente conhecido.

Cristina Freire irá abordar esses aspectos a partir do trabalho de Paulo Brusky cujo ponto de partida, segundo ela, é a cotidianidade na dimensão histórica da existência, naturalizada na inconsciência dos hábitos, no ritmo de trabalho mecânico e nas ações que dão o enquadramento da vida.

Pelo enquadramento fotográfico, o artista recorta uma fração da realidade que, ao ser isolada, causa estranhamento. É o resgate de um sentido escondido, como se o inconsciente ótico que a câmera revela mostrasse uma outra cidade” (FREIRE, 2006, p. 89).

Para Cristina Freire, o sentido da poética de Bruscky é derivado de uma política de re-conhecimento do mundo pela via do estranhamento. Assim como em *Raspadinha* e em outros dos meus trabalhos que ao se relacionarem com o registro do cotidiano, em sua estranheza, sua não-familiaridade, remetem ao absurdo da existência.

O artista mineiro Cao Guimarães, que também lança o olhar sobre ocorrências ordinárias do cotidiano, sobre “pequenos fenômenos expressivos”, declarou em uma entrevista que as personagens que busca estão à deriva. “São elas que trazem novidades sobre as formas de existência” (GUIMARÃES, 2013). Em *Inventário de Raivinhas* (2002), série de vídeos exibidos em retrospectiva do artista em São Paulo (abril a maio de 2013), Guimarães trouxe registros de microacontecimentos que incomodam as pessoas de maneira geral em seu dia-a-dia. Os vídeos mostravam diferentes situações domésticas irritantes que se estabelecem com objetos do cotidiano, como tentar colocar um fio em uma agulha, insistir em girar a chave em uma fechadura, mas não conseguir abrir a porta, ou tentar livrar-se dos fiapos de manga que restam entre os dentes. Assim como ele, busco com meus registros fazer algo como um inventário de ocorrências cotidianas, de forma que a imagem evidencie o aspecto de estranheza em determinadas ações ordinárias. Como um inventário de achados urbanos, um tipo de procedimento que passa pela descrição das coisas em tipologias. No caso deste trabalho de Guimarães, o incômodo dos trabalhos domésticos diários; no meu, a labuta repetitiva e mecânica, os trabalhos ordinários do cotidiano encontrados nas ruas das cidades.

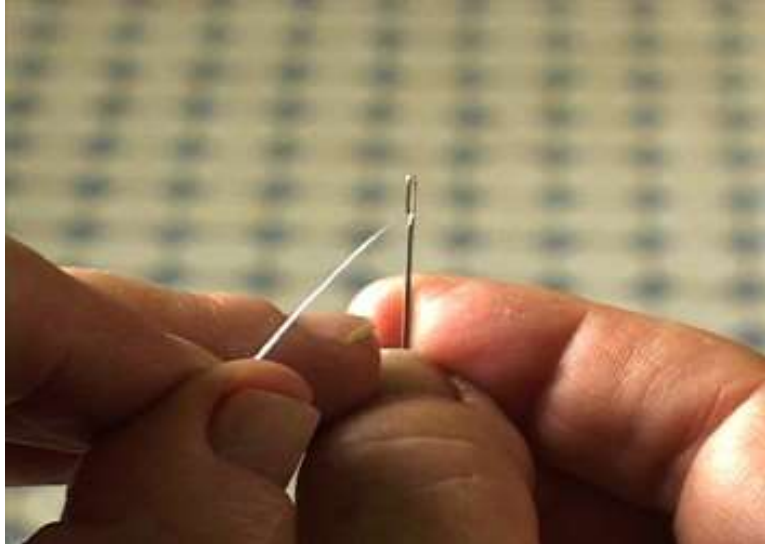


Figura 03 - Cao Guimarães. *Inventário de Raivinhas*. 2002. Disponível em: <<http://www.caoguimaraes.com/obra/inventario-de-raivinhas>>. Acessado em 15/12/2013.

Outro aspecto importante desta série de Cao Guimarães é que ela foi exibida em pequenas telas digitais fora do espaço expositivo, nos vãos entre os andares do Itaú Cultural. Nas escadas que dividiam os andares do prédio, o único intervalo que se estabelecia entre os ambientes imersivos de trabalhos em grandes projeções, pequenos monitores camuflados na parede mostravam vídeos curtos em *loop*, com aproximadamente três minutos cada. Além de me identificar com o trabalho em si, me faz refletir sobre este lugar de passagem escolhido para exibi-las. Assim como o lugar onde encontrei os funcionários da prefeitura de São Paulo fazendo cri-cri, um vão que se fez notar em meio à minha deriva. Vãos que abrigam automatismos como o de arrancar chumaços entre paralelepípedos — já que este não é um lugar adequado para as plantas crescerem — tal como as atividades irritantes às quais as personagens de Guimarães estão submetidas.

Viviane Gueller

Artista visual e jornalista, mestre em artes visuais pelo PPGAV/UFRGS (2012-2014). Em 2014, foi indicada como destaque em mídias tecnológicas para o VIII Prêmio Açorianos de Artes Plásticas e premiada pelo Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª edição com o projeto *As cidades descaradas*. Em 2012, fez uma série de inserções sonoras para a *Mobile Radio* da 30ª Bienal de São Paulo e em 2013 participou do projeto *Entre – Curadoria de AZ* no MACRS (Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul). Participou de várias coletivas e individuais; recebeu o prêmio de incentivo à criatividade no 16º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre; foi selecionada para o 58º Salão de Abril (Ceará), 29º Salão do Pará e 2º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia (Pará).

REFERÊNCIAS

Livros

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Cristina. *Poéticas do processo*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

_____. *Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia*. Companhia Editora de Pernambuco. São Paulo: 2006.

Site

GUIMARÃES, Cao. *Artista mineiro Cao Guimarães exhibe filmes sobre solidão no Itaú Cultural*. São Paulo: 2013. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 mar. 2013. Entrevista concedida a Silas Martí. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1253334-artista-mineiro-cao-guimaraes-exibe-filmes-sobre-solidao-no-itaui-cultural.shtml>>. Acessado em 20/06/2013.

_____. *Documentário e subjetividade: uma rua de mão dupla*. Art. de Doc: expressão e transformação. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2007. Disponível em: <http://www.caoquimaraes.com/page2/artigos/artigo_02.pdf>. Acessado em 25/03/2013.

ZANATTA, Claudia. *Ação orgânica*.

<<http://www.ufrgs.br/escultura/fsm2005/textos/claudia.htm>>. Acessado em: 07/03/2014.